

Freedas: arte urbana e feminista em busca da liberdade pelas ruas de Belém do Pará¹

Leila Cristina Leite Ferreira-PPGSA-UFPA

Lucélia Leite Ferreira-PPGSA-UFPA

RESUMO: Este artigo é parte de uma pesquisa realizada com e sobre as Freedas, uma *crew* de mulheres de Belém do Pará. O objetivo aqui é analisar o grafite como uma arte urbana que está espalhada pela cidade, sendo construída também por mulheres que a partir dele estão reivindicando seu direito de liberdade de expressão, liberdade de ir e vir sem que se sintam ameaçadas pelo simples fato de serem mulheres, mulheres feministas que se utilizam do grafite para protestar, mas também para falar de arte. O grafite é um dos elementos do *Movimento Hip Hop* e em Belém está organizado em diversas *crews*, ou seja, grupos de grafiteiros, organizados por jovens. Essa pesquisa tem como metodologia a observação, entrevistas, o registro de imagens para a realização de uma pesquisa visual. As mulheres para estarem inseridas no contexto do *hip hop*, enquanto uma arte de rua, precisam de várias militâncias, pois precisam brigar desde a conquista de mais espaço no muro para grafitar até o direito de permanecer na rua construindo a sua arte sem que isso seja visto como algo pejorativo.

Palavras-chave: Freedas Crew, Grafite, Feminismo

Introdução

Este artigo é parte de uma pesquisa realizada com e sobre as Freedas, uma *crew* de mulheres de Belém do Pará. O objetivo aqui é analisar o grafite como uma arte urbana que está espalhada pela cidade, sendo construída também por mulheres que a partir dele estão reivindicando seu direito de liberdade de expressão, liberdade de ir e vir sem que se sintam ameaçadas pelo simples fato de serem mulheres, mulheres feministas que se utilizam do grafite para protestar, mas também para falar de arte. O grafite é um dos elementos do *Movimento Hip Hop* e em Belém está organizado em diversas *crews*, ou seja, grupos de grafiteiros, organizados por jovens. Essa pesquisa tem como metodologia a observação, entrevistas, o registro de imagens para a realização de uma pesquisa visual. As mulheres para estarem inseridas no contexto do *hip hop*, enquanto uma arte de rua, precisam de várias militâncias, pois precisam brigar desde a conquista de mais espaço no muro para grafitar até o direito de permanecer na rua construindo a sua arte sem que isso seja visto como algo pejorativo.

¹ “Trabalho apresentado na 30ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2016, João Pessoa/PB.”

A juventude negra americana na primeira metade do século XX estava produzindo música, o *Blues* e o *Jazz*, dois estilos musicais que mais tarde vieram a dar origem ao *Rock*, um estilo que foi apontado por Hobsbawn (2012) como aquele que roubou o público do *Jazz*. O *Rock* chamou atenção da juventude por ser mais simples de ser tocado e os grupos poderiam ser menores, o conteúdo além do amor também havia os protestos contra a situação dos negros e pela luta pelos direitos civis. Essa juventude era oriunda dos “guetos” e viviam situações de exclusão por serem negros, mas reagiam produzindo arte e questionando a maneira como a sociedade os tratava.

O *Movimento Hip Hop* tem seu início nas ruas do *Bronx* americanos onde estavam os jovens negros e latinos que conviviam com a violência das ruas, a falta de um sistema escolar de qualidade que conseguisse chamar sua atenção e mantê-los ocupados com os estudos. O desemprego também era uma realidade e eles estavam se organizando em gangues e disputando espaço através da violência. E foi ao observar tudo isso que *Afrika Bambaata* começou a levar música para as ruas, ele e *Dj Kool Herc* chamaram a atenção da juventude para a música e conseguiram reunir em torno dela pessoas que começaram a ter na arte um novo olhar para o mundo. (BORDA, 2008; FERREIRA, 2013)

O *Movimento Hip Hop* envolve cinco elementos, o grafite, o/a *Dj*, o *B’Boy* ou *B’Girl*, o/a Mestre de Cerimônia-*Mc* e o conhecimento. O grafite é a arte plástica que é produzida nos muros e paredes das grandes cidades, como os que são produzidos pelas *Freedas Crew*; o/a *Dj* é o responsável pela música; o/a *Mc* é responsável pela rima e o conhecimento é o elemento onde estão as pessoas que militam pelo *hip hop*, mas não produz nenhuma das artes, porém detém o conhecimento sobre o movimento e faz parte dele. (BORDA, 2016)

O fazer grafite em Belém significa, na maioria das vezes está dentro de um coletivo que se denomina *crew*. Esses coletivos têm a sua assinatura em comum e são formados por pessoas que moram em sua grande maioria na periferia da cidade e reivindicam direitos como, água encanada de qualidade, iluminação pública, saúde, segurança pública e políticas públicas voltadas para a juventude negra e pobre que vive nessas áreas. Uma das reivindicações que levantam é a luta contra o genocídio da juventude negra, que discrimina, exclui e mata jovens sem direito a defesa nas ruas da cidade que são julgados apenas por sua cor de pele e local de moradia. (FERREIRA, 2013; Diz aí, 2013)

A juventude grafiteira é essa juventude negra, vítima da violência e que está produzindo *arte da e nas periferias* das cidades brasileiras. A grande maioria desses

jovens é formada por homens, por manos que estão nas ruas fazendo grafite e militando no sentido de fazer com que sua arte seja vista pela grande maioria. Mas, ser um grafiteiro significa ser alguém que está a margem, que sofre discriminação por ser jovem e por ser artista de rua, ou seja, por ser um *outsider* (BECKER,2008; FERREIRA, 2013)

E ser uma mulher e grafiteira é ainda mais complicado e traz novas discussões, novas questões que vão desde o direito a ter um espaço maior no muro para grafitar até respeito por sua produção artística como algo que tem qualidade e que merece ser reconhecida assim. Pois, em sua relação com os homens as meninas precisam provar todos os dias que também sabem fazer arte, que também pensam o grafite e suas técnicas e o *Movimento Hip Hop* como um todo. Elas ainda enfrentam as questões de violência que estão presentes em seu local de produção que é a rua. Em todos os relatos as grafiteiras falam do medo de sofrerem algum tipo de violência nas ruas e dizem que o melhor mesmo é sair em grupo, pois existe o risco de serem assaltadas, de serem violentadas sexualmente ou qualquer outro tipo de violência a que uma mulher é fisicamente mais vulnerável. Mas, a rua é seu espaço e nela elas estão resistindo.

E aqui é utilizado o termo menina porque é assim que elas se tratam e não porque são crianças, mas no momento em que estão reivindicando seus direitos elas se autodenominam mulheres. Então, reivindicam em sua maioria, para si o feminismo, principalmente o feminismo negro, onde se sentem mais representadas e dentro dele conseguem dizer e pensar a maneira como estão militando e como estão pensando a sua realidade e de outras mulheres. Sueli Carneiro, coordenadora do Geledés, instituto da mulher negra, traz em seu texto “Enegrecer o feminismo”, a necessidade de levar as questões de raça para dentro do Movimento Feminista e assim enegrecer o feminismo tomando a mulher negra como alguém que tem suas próprias reivindicações e está brigando pelo o que quer e o que precisa, que ela tem voz e essa voz precisa ser ouvida. Ela enfatiza a maneira como a mulher negra tem sido tratada como objeto sexual no Brasil e o desrespeito que está representado no estupro dessas mulheres no decorrer da história. Mas, ela mostra que essas mulheres estão lutando e conseguindo conquistar seu espaço. E todas essas questões estão colocadas em sua arte, em seus desenhos espalhados pelos muros e paredes da cidade, mesmo que nem sempre seja assim lido por quem ver.

Freedas Crew é um coletivo de grafiteiras que teve sua fundação em uma oficina de grafite ministrada exclusivamente para meninas. E foi após a oficina que elas decidiram se unir e montar um grupo de grafiteiras. O nome *Freedas* é um nome que remete a ideia de liberdade e também é uma homenagem a Frida Kahlo, artista plástica

Mexicana, que segundo as grafiteiras representa a liberdade e o feminismo que as meninas estavam buscando. Assim, elas estão deixando sua marca pela cidade, construindo uma militância com o grafite que representa as mulheres e que critica o modo como elas são tratadas por quem as discrimina. Elas não se intitulam feministas negras, mas apenas feministas, no entanto, observo em seus grafites e na própria maneira como se posicionam que estão muito próximas as reivindicações de um feminismo vindo da periferia, um feminismo negro. As *Freedas Crew* começaram suas grafiteagem em 2014 e de lá para cá já realizaram diversas atividades e já estão se tornando conhecidas entre as grafiteiras, os grafiteiros e o meio da arte marginal como um todo.

Freedas Crew e o Motyrõ das Manas no muro

Foi a partir de uma oficina de grafite apenas para meninas oferecida por Michelle Cunha, artista plástica e grafiteira, em 2014, que a *crew* teve início. Michelle se tornou uma de suas fundadoras e a grande referência do grafite e de liderança também para as meninas. A oficina funcionou com o conhecimento teórico e prático, com a participação efetiva de nove meninas, pois algumas das inscritas não participaram, no final elas foram para a rua fazer o que chamam de “rolezinho”, que é encontrar um muro sem autorização onde possam grafita. Mas, a finalização da oficina foi um mutirão² organizado por uma das pessoas que frequentava a oficina e que era professora em escola pública, ela conseguiu para que pintassem o muro e junto com outros grafiteiros, convidados através do *facebook* em um evento montado por Michelle. E assim as meninas perceberam que o grupo tinha chances de funcionar e então foram pensar no nome,

A ideia da criação foi da Michele também, e a gente começou a pensar nos nomes, qual poderia ser o nome, qual nome poderia representar o nosso grupo, qual era a ideia que a gente queria passar com esse nome e foi pensado no nome *Freedas*, né, que faz uma relação com a Frida Kahlo e com a palavra *free* do inglês, que dá a ideia de liberdade, livres, a ideia de a gente ser livre pra pensar, meninas livres pra pensar, pensar a liberdade no grafite, foi assim que nasceu a *crew*, da oficina mesmo. (Entrevista com Thay Petit, 30 anos, grafiteira, em: 13-11-2015)

E segundo Thay Petit, a escolha do nome de Frida Kahlo para ser homenageada se deu porque ela representa força, arte e o feminismo que está na militância de algumas

² Mutirão de grafite é um evento onde as pessoas se reúnem para grafitar um muro autorizado pelo dono. Além dos grafiteiros e grafiteiras, participam outras pessoas como Dj's, Mc e trançadeiras, como no caso do Projeto Mutirão de Grafite organizado pela Casa Preta e pela *Cospe Tinta Crew* durante o ano de 2012. (FERREIRA, 2013)

meninas da *crew*. É importante ressaltar que nem todas as meninas do grupo são feministas, mas estão em busca desse conhecimento e isso fica muito forte nos grafites que colocam nos muros e que podem ser observados nas imagens abaixo,



Imagem 1: Grafite de Michelle durante o Motyrõ
Foto: Leila Leite em:02-04-2016



Imagem2: Grafite de Thay Petit durante o Motyrõ
Foto: Leila Leite em: 02-04-2016

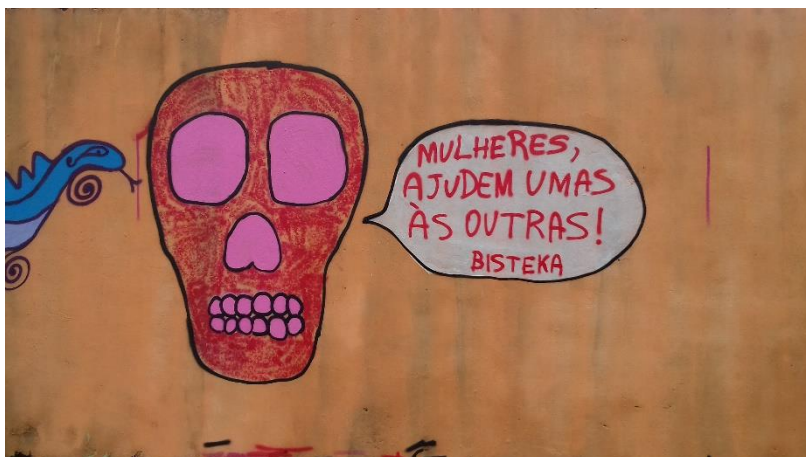


Imagem 3: Grafite de Ester realizado durante o Motyrõ
Foto: Leila Leite em:02-04-2016

As imagens foram realizadas durante um evento organizado pelas *Freedas Crew*, o “Motyrõ: Manas no muro”. O objetivo desse evento era reunir as grafiteiras e pichadoras em um mutirão para pintar o muro de uma escola localizada na região metropolitana de Belém. Ele ocorreu no dia 02 de abril de 2016 e nós estávamos presente. É importante saber que elas em momento nenhum excluíram os manos e que por isso alguns apareceram para grafitar, mas como não os conhecia e não se mostraram muito acessíveis não conseguimos conversar com eles.

O Motyrõ ocorreu em um sábado de muita chuva, o dia amanheceu com uma forte chuva que prometia acabar com o evento, foram mais de dois meses de divulgação nas redes sociais e muitas pessoas estavam mobilizadas para comparecer e fazer a programação acontecer. Mcs, Djs, grafiteiras/os, grupos musicais, todos convidados e confirmando sua presença no *facebook*, mas a chuva em Belém enche as ruas de muitas regiões da periferia e do centro e impede que as pessoas saiam de casa e que consigam transitar na cidade.

E assim foi, a chuva impediu que muitas pessoas conseguissem chegar a escola para participar do evento, mas muitas pessoas foram. Quando chegamos a escola as pessoas estavam todas espalhadas no seu interior e esperavam que a chuva parasse, muitas crianças estavam por lá e os funcionários da escola também. Então conversamos com as pessoas sobre diversos assuntos e fizemos algumas entrevistas para a pesquisa. E mais ou menos ao meio dia, a chuva ainda caía e não deixava a grafiteagem começar, então uma feijoada foi servida, a fila se formou imediatamente. Após todos estarem alimentados, a chuva começou a ficar mais fraca até que parou por um instante.

Então, a movimentação começou em direção à rua, as grafiteiras queriam tentar grafitar o mais rápido possível para que a chuva não fizesse escorrer e manchar os desenhos. Mas, não demorou muito para recomeçar a chuva e a tinta começou a escorrer e manchar os desenhos, como é possível observar na imagem abaixo. Mas, tudo foi contornado e os desenhos foram sendo refeitos e a chuva amenizando e não escorreu muito além do que já havia escorrido. Enquanto o muro estava sendo preparado, Bianca, uma Dj que está aprendendo a tocar, que faz parte do Coletivo Casa Preta³ e que estava lá participando como convidada do evento, ela faz parte da rede de sociabilidade das manas e ficou responsável por fazer o som enquanto a grafitação estava acontecendo.



Imagem 4: Grafites sendo produzidos
Foto: Leila Leite Em:02-04-2016



Imagem 5: Nanna e seu grafite finalizado e com uma mensagem escrita
Foto: Leila Leite Em: 02-04-2016

³ Coletivo Casa Preta é um coletivo que atua em uma casa de mesmo nome e que milita com as questões negras e com os diversos tipos de arte que estão envolvidos nela.

Na imagem 5, Nanna conseguiu recuperar seu desenho, que mesmo escorrendo um pouco ainda, conseguiu repassar a sua mensagem de reivindicação. Mas, no que diz respeito a música outras pessoas também estavam lá para tocar, o grupo chamado Mulheres do Fim do Mundo, um grupo formado só por meninas, feminista e que está levando a música para as ruas da cidade, também fazem parte da rede de sociabilidade das *Freedas Crew*,



Imagem 4: Mulheres do Fim do Mundo
Foto: Leila Leite em: 02-06-2016

O grupo Mulheres do Mundo foi organizado a partir de uma oficina de percussão onde estavam envolvidos outros coletivos artísticos formados só por mulheres, esses grupos também são todos feministas e atuam na cidade militando com a arte e com o feminismo. No sábado do Motyrõ, mesmo com a chuva caindo elas levaram os tambores e maracas para calçada molhada e fizeram o som durante a maior parte do tempo, a Dj desligou o som e foi ouvir as Mulheres do Fim do Mundo e assistir a grafiteagem.

Nós ficamos na programação até as 17h, a chuva continuava e a grafiteagem também. Essas meninas estão conseguindo trazer uma nova maneira de fazer grafite de se posicionar nas ruas, de divulgar seus eventos, de lutar por seus direitos e assim conseguem, através da arte protagonizar a sua história e dizer o que estão pensando e reivindicando a partir de seus desenhos e no caso das Mulheres do Fim do Mundo, através de suas músicas e assim como as grafiteiras através de sua presença nas ruas. E isso está fazendo com que o *hip hop* e todas as artes de rua comessem a abrir mais espaços para as meninas, pois elas estão conquistando esse espaço a partir do spray e da música.

Conclusão

O *Movimento Hip Hop* desde o seu início teve uma participação majoritariamente masculina em todos os seus elementos, isso foi verdade nos Estados Unidos, país onde teve início e isso é verdade no Brasil, inclusive em Belém, mas as mulheres sempre estiveram presentes, porém sua produção não estava visível ou mesmo estava sendo inibida pelas críticas masculinas que segundo as manas, sempre estão indo no sentido negativo, desvalorizando o trabalho feminino na música, na dança ou no grafite.

Para essas meninas permanecerem no *hip hop* é necessário que militem em várias frentes. Elas precisam fazer com que a família entenda que *hip hop* é arte e não coisa de bandido e pode sim ser feito por mulheres. Mas, também precisam todos os dias provarem que tem a mesma capacidade que eles para criar e organizar o *Movimento Hip Hop* da mesma maneira e com a mesma qualidade que eles. Elas ainda precisam arrumar uma maneira de continuar militando depois que se tornam mães, pois é preciso alguém que fique com seus filhos e normalmente esse apoio não vem de seus companheiros mesmo que este seja do movimento também. E quando os filhos estão maiores eles acompanham suas mães, como no caso de Ester no Motyrõ, que foi com seu filho e nesse processo eles, os filhos também acabam se aproximando da lata e grafitando seus primeiros riscos.

No caso das *Freedas Crews*, elas estão enfrentando todos esses problemas, mas também achando todas essas soluções e se unindo a outros grupos de meninas que também estão produzindo arte e que também estão nas ruas e que também estão militando pelo feminismo. O Motyrõ: Manas no muro foi o primeiro grande evento organizado pelo grupo, mas outros mutirões já ocorreram e elas sempre estão buscando o contato não apenas com as meninas, mas também buscando criar uma rede com os manos. E assim o grafite vai mudando de cara e ganhando novas perspectivas.

Referencias

BECKER, Howard S. *Outsiders. Estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BORDA, Bruno Guilherme dos Santos. *Palavras sagradas, rimas e experiências: uma tentativa de compreensão sobre cristianismo pentecostal, rap e antropologia*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. UFPA, 2008.

_____. *Vivências, tecnologias, ritmo e etnografia: Uma visão afro amazônica sobre o Rap Nacional*. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia. UFPA, 2016.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América latina a partir de uma perspectiva de gênero.

Diz aí- Enfrentamento ao extermínio da juventude negra-parte1. In: <https://www.youtube.com/watch?v=GjuKhoG1UYU>, publicado em 28-10-2013, acesso: 15-06-2016.

FERREIRA, Leila C. Leite. “E ai, vai ficar de toca? Cola com nós”: lata na mão, grafiteiros na rua, arte nas paredes: a juventude grafiteira em Belém. Dissertação de mestrado. UFPA, 2013.

HOBBSAWM, Eric. J. História social do Jazz. 6ª Edição. Tradução: Angela Noronha. São Paulo: Paz e Terra, 2012.